

A ILÍADA NO SÉCULO XXI: RELEITURAS CLÁSSICAS ENTRE A EPOPEIA HOMÉRICA E A *FANFICTION*

CAROLINA RAMOS HENRIQUE*

Universidade de Brasília (UnB), Programa de Pós-Graduação em Literatura, Brasília, DF, Brasil.

Recebido em: 10 abr. 2025. **Aprovado:** 29 abr. 2025.

Como citar este artigo: HENRIQUE, C. R. A Ilíada no século XXI: releituras clássicas entre a epopeia homérica e a *fanfiction*. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 2, p. 157-170, maio/ago. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n2p157-170

Resumo

Este artigo analisa a recepção contemporânea de Homero, exemplificada pelo romance *A canção de Aquiles* (2013), de Madeline Miller, e por *fanfictions* escritas sobre a Ilíada, com o objetivo de compreender o que há de específico na leitura dos clássicos do século XXI. O referencial teórico se baseia nas teorias da recepção dos clássicos, de Charles Martindale (2006), e da intertextualidade, de Julia Kristeva (2005), além dos estudos de Alexandra Edwards (2023) sobre *fanfiction*. Por meio da análise do romance de Miller e das *fanfictions* encontradas, constata-se o perene interesse do público pela cultura clássica e a valorização de uma cultura participativa, que interage diretamente com o cânone e o mantém sempre atual.

* E-mail: carolina.henrique@undf.edu.br
 <https://orcid.org/0009-0004-5043-8374>

Palavras-chave

Homero. Recepção dos clássicos. *Fanfiction.*

INTRODUÇÃO

Escreveu Fernando Pessoa que “deve haver, no mais pequeno poema de um poeta, qualquer coisa por onde se note que existiu Homero” (1996, p. 390). É a partir dessa percepção que se fundamenta este artigo, já que obras como a *Ilíada* continuam influenciando a cultura ocidental, mesmo depois de 26 séculos. Como a *Ilíada* ainda não deixou de ter algo a nos dizer, conforme formula Calvino (2012), é possível acrescentar novidades relevantes à discussão dessa obra, condizentes com o cenário que se apresenta à literatura no século XXI.

Primeiro, cabe compreender como as adaptações da *Ilíada* continuam acontecendo dentro da literatura. Um exemplo é a obra *A canção de Aquiles* (2013), de Madeline Miller, cujo sucesso de vendas no mundo todo – além da publicação de várias obras semelhantes (adaptações de obras clássicas ou releituras de mitos) – demonstra o interesse do público por histórias baseadas em mitologia grega e na literatura da Antiguidade Clássica.

Seria lógico fazer um trabalho comparativo entre a *Ilíada* e *A canção de Aquiles*, mas ainda não seria suficiente para pensar na influência de Homero hoje. Outras mídias podem ser pensadas, como a própria *fanfic*, com o objetivo de mostrar que esses processos de criação em cima da *Ilíada* indicam um fenômeno natural da história literária, mas também pensar o que há de específico agora. Por isso, inclui-se no escopo desta pesquisa um tipo específico de *fanwork*, a *fanfiction* (ficação de fã), que configura a produção de textos de ficção feitos a partir de obras preexistentes, numa perspectiva de transformar, acrescentar, modificar ou recriar determinada mídia original.

O termo ‘fanwork’ [obra de fã] pode ser desconhecido, mas seu conceito pode ser reconhecido por outras denominações: adaptações, recontagens, releituras, anedotas e alegorias. Todos compartilham a mesma ideia fundamental: são obras que utilizam materiais de origem preexistentes como ponto de partida para novas narrativas. Embora as obras de fãs não sejam um fenômeno recente, o termo ‘fanwork’ é relativamente novo e popularizou-se com o uso generalizado da Internet. Geralmente refere-se a qualquer tipo de conteúdo gerado

por usuários – seja trabalho escrito, arte visual ou mídia interativa – baseado em livros, filmes, programas de televisão ou grupos musicais (Knight, 2018 *apud* Woodhouse, 2022).

Sendo assim, esta pesquisa não pretende somente fazer um estudo comparativo entre a *Ilíada* e *A canção de Aquiles*, mas também usar tal comparação para rediscutir o conceito de intertextualidade, incluindo a *fanfiction* como forma notável de recepção literária.

RECEPÇÃO DOS CLÁSSICOS, INTERTEXTUALIDADE E FANFICTION

Ao final do século XX, pesquisadores como Charles Martindale (2006) formularam um tipo de estudo dos clássicos não mais baseado em compreender a tradição cultural e literária da antiguidade greco-romana como algo intocável e sagrado, mas sim como um produto que inevitavelmente se altera pela passagem do tempo e pela perspectiva de quem o observa. Na área dos estudos clássicos, tal proposta se fundamenta no campo da recepção, partindo dos princípios de estética da recepção, de Hans Robert Jauss.

A recepção, assim, ajudou a desafiar a ideia tradicional do que é ‘clássico’ [...], provocando uma reflexão sobre como a disciplina foi constituída, de maneiras variadas e muitas vezes em meio a disputas, ao longo dos séculos passados. Não se trata apenas de observar o que aconteceu com os clássicos após o que agora chamamos de ‘Antiguidade Tardia’, mas de contestar a ideia de que o clássico é algo fixo, cujos limites podem ser demarcados e cuja natureza essencial podemos compreender em seus próprios termos (Martindale, 2006, p. 2).

Visto que, segundo Martindale (2006, p. 5), “Antiguidade e modernidade, presente e passado, estão sempre ligados, sempre em diálogo” e que o “desejo de experimentar Homero ‘em si mesmo’, intocado por qualquer resquício de modernidade [...] é um desejo ilusório” (p. 7), é válido e profícuo investigar algumas características do olhar contemporâneo.

De Pourcq (2012, p. 220) aponta que

Ainda há muitos elementos, narrativas, conceitos e nomes na cultura contemporânea que fazem referência — explícita ou mesmo implícita — à Antiguidade grega ou romana. Mesmo que o clássico hoje não seja mais percebido como

reprodução da mentalidade e da visão de mundo das elites, com todas as suas implicações hegemônicas, masculinistas e racistas, ele permanece presente como parâmetro ou ponto de referência na conformação de matrizes culturais e sociais ou, pelo menos, na ornamentação de seus contornos.

Ao focar a recepção e pregar a dessacralização do texto clássico, favorece-se a possibilidade de percebermos, honestamente, os textos da Antiguidade pelo inevitável filtro da distância temporal e da diferença nos valores sociais da contemporaneidade. Além disso, vale considerar que “O foco não se concentra mais na influência perene da fonte antiga, mas nos diferentes significados, funções e forças que um elemento da Antiguidade adquire no momento da sua recepção” (De Pourcq, 2012, p. 221).

Uma tendência possível da contemporaneidade é olhar as relações que existem dentro da história literária e compreender como o que se produziu por muito tempo de forma canônica é semelhante ao fenômeno atual da *fanfic*. De acordo com Willis (2016, p. 2),

Autores de fanfiction contemporâneos frequentemente comparam sua prática à de autores clássicos, medievais e/ou renascentistas: o autor latino Virgílio é frequentemente citado como um dos primeiros escritores de fanfiction, assim como os escritores medievais de histórias e poemas do ciclo arturiano e o dramaturgo renascentista Shakespeare, que se apropriou e reciclagem personagens e enredos de obras preexistentes. Com efeito, em nível narratológico, o que Ahuvia Kahane denomina neste volume como ‘isomorfismos conceituais’ entre a literatura clássica e a fanfiction contemporânea é impressionante. Ambos são, inegavelmente, modos de escrita transformativa, cujos autores utilizam as técnicas de alusão, apropriação e transvaloração para expandir e/ou criticar obras existentes; ambos se dirigem a um público altamente conhedor e engajado. A existência desse isomorfismo conceitual sugere uma prática compartilhada e, sobretudo, uma estética comum entre fanfiction e literatura clássica – isto é, entre uma das formas mais deslegitimadas e consideradas inferiores de produção cultural no mundo contemporâneo e uma das mais elevadas e valorizadas. Atentar para as semelhanças entre essas duas comunidades de prática nos permite, assim, inverter e deslocar a binariedade alto/baixo e ampliar e matizar nosso modelo de trabalho transformativo.

É nesse sentido que Alexandra Edwards investiga o surgimento da *fanfiction*, em seu *Before fanfiction* (2023). Na introdução da obra, a autora relata uma experiência de sua juventude, quando começou a assistir à série Buffy e

usar a *internet* para interagir com outros fãs – momento em que ela se deparou com as inúmeras formas de atuação contempladas nesses espaços.

Essas mulheres escreviam *fanfiction* (*fanfic* ou *fic*), revisavam as histórias umas das outras (*beta reading*), criavam ilustrações de fãs (*fanart*), compilavam mixagens de músicas (*fanmixes*), produziam imagens manipuladas (*manips*), escreviam ensaios analíticos (*meta*), editavam clipes de televisão e cinema em videoclipes (*fanvids*), costuravam trajes para usar em convenções de fãs (*cosplay*), confeccionavam réplicas de adereços, codificavam e mantinham arquivos de *fanfiction*, gravavam versões em áudio de histórias (*podfic*), mobilizavam-se contra a misoginia e a cultura do estupro na televisão (*fan activism*), entre muitas outras atividades (Edwards, 2023, p. 13, tradução nossa).

O relato de Edwards atesta a experiência comum de fãs que usam os espaços on-line para se dedicar aos seus interesses, consequentemente entrando em contato com uma ampla variedade de *fanworks*. Como consequência desse contato, ela teve a oportunidade de compreender o funcionamento dos *fandoms*, e inclusive de notar como os trabalhos transformadores (*transformative works*) – formulação teórica que nomeia um tipo de obra criada a partir daquilo de que se é fã – tinham algo de muito semelhante com o trabalho da teoria literária.

Foi — e ainda é — tanto minha comunidade quanto um conjunto de práticas que me ensinou a engajar-me com textos, a analisá-los e a conjugar essa análise com minhas próprias emoções para expandi-los, alterá-los ou reescrevê-los de forma criativa. O fandom preparou-me para minha carreira como estudiosa da literatura — mas, quando iniciei meus estudos de pós-graduação, surpreendi-me e desanimei ao perceber que fãs e acadêmicos raramente se davam conta de que falavam a mesma língua (Edwards, 2023, p. 13-14, tradução nossa).

Partindo dessas experiências aparentemente conflitantes, Edwards se propôs a investigar a concepção de *fandom* no contexto estadunidense, desbanhando, com isso, alguns mitos sobre o surgimento das *fanfics*, também ilustrando como essas histórias representam processos naturais da literatura. As conclusões dessa pesquisa apontam que o que hoje é chamado de *fanfiction* partiu de condições específicas da cultura de consumo estadunidense ao longo do século XX, e, posteriormente, das condições específicas proporcionadas pelo ambiente virtual.

No entanto, esse tipo de trabalho pode ser identificado em produções da literatura arcônica do século XVII, feita por pessoas pertencentes a grupos subalternizados. De fato, há um fator importante a se destacar: não é coincidência que a *fanfic* seja um tipo de produção considerada inferior, quando suas principais produtoras são mulheres e pessoas LGBTQIAPN+. A horizontalidade das relações dentro do *fandom* desafia a hierarquia social por gênero, raça, classe, orientação sexual, nacionalidade etc. Edwards (2023, p. 25, tradução nossa) destaca:

O fandom de mídia é um espaço queer. Isto é, trata-se de um ambiente onde fãs — majoritariamente mulheres e indivíduos com identidades de gênero não conformistas — exploram sexualidades não heteronormativas, experimentam com tabus e ressignificam textos literários e midiáticos para desmarginalizar múltiplas formas de marginalização.

Quanto ao aspecto teórico da definição de *fanfic* e *fanwork*, a característica mais evidente é que essas produções são transformadoras (*transformative*), ou seja, ativamente interagem com o material de origem, mas resultam em algo que não foge da relação com ele. Com base nos estudos de De Kosnik (2006), Edwards ressalta a relação dessa concepção de trabalhos feitos por fãs com a teoria da intertextualidade de Julia Kristeva: “Todo texto é um mosaico de citações; todo texto resulta da absorção e transformação de outro texto” (Kristeva *apud* Edwards, 2023, p. 203, tradução nossa).

Há um risco que se anuncia ao utilizarmos a teoria da intertextualidade para definir *fanfiction*, e é importante assinalar isso. Segundo Kristeva (2005, p. 185),

O significado poético remete a outros significados discursivos, de modo a serem legíveis no enunciado poético vários outros discursos. Cria-se, assim, em torno do significado poético, um espaço textual múltiplo, cujos elementos são suscetíveis de aplicação no texto poético concreto. Denominaremos esse espaço de intertextual. Considerado na intertextualidade, o enunciado poético é um subconjunto de um conjunto maior, que é o espaço dos textos aplicados em nossos conjuntos.

Considerando esse apontamento, questiona-se: é possível afirmar que o que se faz desde a Antiguidade até hoje, ao reescrever, adaptar, traduzir, comentar, aludir, apropriar-se de outros textos literários etc. é *fanfiction*?

No caso específico do presente trabalho, não é novidade a existência de inúmeras obras derivadas de Homero – e da tradição clássica e mitologia grego-romana, de maneira geral –, sejam elas literárias, teatrais, musicais, televisivas, audiovisuais etc. Realmente, tal intertextualidade é uma prática contínua desde a Antiguidade, e o tipo de trabalho transformador que se faz nos espaços de *fandom* espelha isso. Entretanto, seria um anacronismo problemático chamar Virgílio de fã de Homero – e, por sua vez, chamar Dante de fã de Virgílio –, dado que o termo fã surgiu na década de 1940 e que o *fanwork* opera de maneira específica a partir do surgimento da *internet*.

Sem esgotar todas as características específicas do *fandom*, talvez a principal seja a predominância de uma cultura participativa, em que *fanworks* são trocados e compartilhados livremente, sem o objetivo de afirmar a posse sobre determinada propriedade intelectual ou de obter ganho financeiro.

Ainda assim, é interessante pensar como o estudo da *fanfiction* tem a contribuir para os estudos de Teoria Literária, visto que

Reconhecer o *fandom*, neste sentido, não é identificar apenas mais um gênero literário ligado ao meio digital, mas entender como uma nova postura por parte dos leitores cria (e recria) um sistema completo e revolucionário de leitura e de produção textual num sentido verdadeiramente paradigmático (onde o leitor pode figurar como autor, crítico, fã, tradutor, comentarista, divulgador, ilustrador, editor). Refletindo, especularmente, a imagem do sistema maior – às vezes parafrásica, às vezes paródicamente, mas sem se desvincular dele – o *fandom* realiza uma ‘dobra barroca’ na concepção do que vulgarmente entendemos como ‘literatura’, desafiando as nossas certezas e nos propondo novos desafios (Miranda, 2009, p. 15).

O fato de os *fandoms* serem espaços tão proeminentes e fonte de tanto trabalho transformador pode apontar para uma tendência atual de pensar as obras literárias de maneira ativa e transformadora, com ampla possibilidade de alcance, troca e compartilhamento gratuito. Sendo assim, mais do que dizer que *tudo* é *fanfiction*, uma possibilidade interessante seria estudar as *fanfictions* especificamente como exemplos empíricos de recepção literária.

A CANÇÃO DE AQUILES E AS FANFICS DE HOMERO

Em *A canção de Aquiles* (2013), a autora estadunidense Madeline Miller reconta a *Ilíada*, ampliando seu enredo ao contemplar a vida do herói desde a infância. Miller, que tem formação em Estudos Clássicos e conhecimento de fontes que vão além da *Ilíada*, explica sua preocupação em permanecer fiel aos eventos da narrativa homérica, criando, contudo, sua história a partir de lacunas deixadas no poema épico. Sendo assim, sua motivação para escrever o romance foi responder quem foi Aquiles, e por que ele amava Pátroclo a ponto de ficar completamente desesperado com sua morte.

Enquanto a *Ilíada* registra apenas um período da Guerra de Troia, o romance de Miller narra a vida do herói desde a infância, mostrando também a guerra do início ao fim. O enredo é narrado por Pátroclo, cujo ponto de vista oferece uma percepção mais humana dos fatos da narrativa – por problematizar a guerra e os valores que motivam homens a lutar (Struzziero, 2021) – e por apresentar Aquiles não só como um herói feroz e terrível, mas também como um ser humano complexo e amável.

No início da narrativa, Pátroclo conta sua solitária infância como filho do rei Menécio e de uma mãe não nomeada. Ele é exilado de seu reino quando acidentalmente mata um garoto, sendo enviado para o reino de Fítia, terra do rei Peleu, que costumava adotar garotos órfãos para que virassem parte de seu exército. Lá, Pátroclo conhece Aquiles, filho do rei com a deusa Tétis; um semi-deus bonito, forte e impressionante: o oposto do narrador. Ainda assim, o jovem príncipe se interessa por Pátroclo e eles se tornam amigos inseparáveis. Com o passar dos anos, a amizade aos poucos se delineia como um interesse amoroso. No entanto, ao presenciar o primeiro beijo dos dois, Tétis decide enviar Aquiles para seu treinamento com o centauro Quíron, separando-os.

Pátroclo, contudo, foge às escondidas para seguir Aquiles. Nesse local afastado, sob a tutela do centauro, eles fazem a transição para a vida adulta. Também é lá que eles têm a oportunidade de compreender e concretizar seus sentimentos um pelo outro. O esconderijo não é efetivo para sempre; tanto Aquiles quanto Pátroclo são forçados a cumprir seus destinos e lutar em Troia. Quando Pátroclo finalmente o encontra, descobre que Aquiles foi manipulado por sua mãe para se casar e dar um filho à princesa Deidâmia – ele se sente traído, mas acaba perdoando o amado.

Nesse ponto se desenrolam os eventos conhecidos por causa da *Ilíada*, mas Miller adiciona ou altera alguns elementos importantes. Um fator crucial é a representação de Briseida, uma cativa de guerra, conquistada por Aquiles. No romance, além de se tornar uma personagem muito mais complexa, ela não é objeto das afeições do herói. Sendo assim, o conflito entre Aquiles, que se recusa a lutar, e Agamêmnon acontece porque o semideus se importa mais com seu próprio orgulho do que com a perda de Briseida.

Tal recusa permite que os troianos ganhem vantagem na guerra, levando todos a tomar medidas drásticas, como a do próprio Pátroclo. Este se candidata a ir ao campo de batalha vestido com a armadura de Aquiles, a fim de dar apoio ao seu exército, mas isso rapidamente torna-se um erro fatal: Pátroclo é morto pela lança de Heitor, que acreditava estar ceifando o semideus. Aquiles fica completamente devastado, e ainda tenta preservar o corpo de Pátroclo durante muito tempo, recusando-se a deixá-lo ir.

Por fim, o herói decide se vingar. Mesmo sabendo por uma profecia que sua própria morte viria depois da morte de Heitor, Aquiles o mata em desespero e se recusa a devolver o corpo do troiano à família, arrastando-o em volta dos muros de Troia. Somente quando o velho rei Príamo implora para que devolva o corpo do filho, Aquiles cede. Sem motivo para viver, e sabendo que seu destino está marcado, ele continua matando tantos troianos quanto pode, até encontrar seu fim pela flecha de Páris.

O romance ainda inclui os fatos seguintes: o sepultamento de Aquiles, a chegada de seu filho Pirro a Troia, até mesmo o desfecho da guerra. Vale notar que Pátroclo segue narrando o enredo mesmo depois de sua morte; há uma razão específica para isso: antes de morrer, Aquiles pede que suas cinzas sejam sepultadas junto com as de Pátroclo, mas seu desejo não é cumprido. A alma de Pátroclo fica presa ao mundo dos vivos, observando de longe a passagem do tempo. Finalmente, depois de muito tempo, Tétis ouve o relato de Pátroclo e escreve seu nome junto do nome de Aquiles em seu túmulo, liberando Pátroclo para que eles se encontrem no além.

A obra de Madeline Miller é interessante porque, ao revisitar narrativas clássicas, ela consegue evidenciar o que já estava ali, nas entrelinhas, além de trazer nova vida e novos significados a histórias já conhecidas. Como ressalta Struzziero (2021, p. 150),

Ela reconhece e reafirma a força perene do poema homérico e sua atualidade em debates sobre sexualidade e relações de poder, além de nos lembrar do custo que a guerra impõe à ordem social, suas instituições e valores.

Mais especificamente, parece haver um consenso de que a principal vantagem da obra de Miller está na representação de Aquiles e Pátroclo como um casal, afirmando de forma explícita um aspecto que é meramente insinuado na epopeia, reduzido à especulação desde a Antiguidade. Além de incluir passagens bastante poéticas sobre a intimidade dos personagens, o romance apresenta a ligação dos heróis como um amor baseado em conexão profunda e respeito mútuo, capaz de mantê-los unidos para além da vida mortal. Em entrevista, a autora explicou sua decisão de tirar do texto qualquer ambiguidade sobre a relação entre Aquiles e Pátroclo:

Eu acho que a cultura está pronta para o tipo de história de amor que transcende gênero e tempo. Eu não tinha a intenção de contar uma história de amor deliberadamente 'gay'; na verdade, eu fiquei muito movida pelo amor entre esses dois personagens, cujo respeito e afeição um pelo outro, a despeito dos horrores em volta deles, representam o tipo de relacionamento que todos nós podemos desejar (Miller, 2023).

A decisão autoral de Miller ressalta a importância do tema representado, que

ecoa a realidade contemporânea, quando pessoas ainda são rejeitadas por sua orientação sexual, ou ao debate sobre o casamento homoafetivo em diversos países – demonstrando como a literatura pode ressignificar percepções sociais acerca da homossexualidade (González Pérez, 2015, p. 100, tradução nossa).

Além disso, a narrativa conecta passado e presente, permitindo que leitores LGBTQIAPN+ se reconheçam na história e encontrem suas raízes em tempos antigos (Jokivuori, 2023).

Dito isso, embora não seja atualmente incomum que *fanfics* acabem sendo publicadas posteriormente como livros, com algum nível de adaptação para evitar problemas de direitos autorais, não seria o caso de dizer que Madeline Miller escreveu uma *fanfic*, pois tal argumento pressupõe um espaço específico de atuação. O que é interessante observar é que Miller, nas adaptações feitas do material original da *Ilíada* e de outras obras do ciclo épico, produziu um romance que tem características semelhantes à *fanfic* que vão além da intertextualidade. A mais óbvia seria a representação explícita de personagens *queer*, algo profundamente comum quando se trata de *fanfic*. Embora não seja

apropriado chamar o romance como tal, a existência dele e de tantos outros semelhantes demonstra uma tendência de nossa época de acessar histórias clássicas por meio de adaptações que filtram as narrativas para sensibilidades contemporâneas.

Além de Miller, outras adaptações recentes reinterpretam mitos gregos, mostrando a vitalidade da cultura clássica hoje. Porém, um fato que pode ser surpreendente para alguns é que, em parte graças às obras de Homero e Miller, mas não só¹, existe uma significativa comunidade on-line que produz *fanwork* sobre personagens mitológicos, entre eles, os próprios Aquiles e Pátroclo.

Em uma breve pesquisa no website *Archive of Our Own* (popularmente conhecido como AO3), o maior portal de compartilhamento de *fanfics* do mundo, consta-se que mais de 3.600 histórias foram publicadas como pertencentes ao *fandom* “Homer (Works)”, ou seja, marcadas efetivamente como *fanfictions* da obra literária de Homero. Há *tags* específicas para a *Odisseia* e a *Ilíada*, cada uma contendo mais de 1.500 e 2.300 publicações, respectivamente. As *fanfics* de *A canção de Aquiles* também têm um número expressivo: 3.017.

Vale notar que as classificações de acordo com o *fandom* podem ser cumulativas, portanto, uma história pode ser atribuída tanto ao *fandom* de *Ilíada* quanto ao de *A canção de Aquiles*, por exemplo. Também é interessante ressaltar que há outros *fandoms* de mídias inspiradas na obra de Homero, como o musical *Epic*, de Jorge Rivera-Herrans, e do jogo *Hades*. Estes últimos com números até maiores de *fanfics*. Outro *fandom* de números expressivos, que provavelmente se sobrepõe às classificações mencionadas, é “*Ancient Greek Religion & Lore*”, que tem quase 13 mil *fanfics* disponíveis.

Esses resultados, embora superficiais, permitem uma constatação: as obras clássicas continuam a inspirar criações contemporâneas, evidenciando a permanência de temas como heroísmo, amor, mortalidade e identidade.

¹ Uma obra também relevante para fãs on-line de Pátroclo e Aquiles é um jogo eletrônico baseado em mitologia grega chamado *Hades*: “O que Hades faz é deixar claro para o(a) jogador(a), explicitamente, que Aquiles e Pátroclo estão em um relacionamento. Em uma indústria que se contenta com sugestões e insinuações sem se comprometer com uma confirmação explícita em tela, ver o jogo dizer, sem rodeios, que esses homens se amam é verdadeiramente revigorante. As expressões do amor de um pelo outro são mostradas pelas lentes da guerra, com a fúria de Aquiles sendo a expressão principal que impulsiona a narrativa entre eles” (Signor, 2020, tradução nossa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de *A canção de Aquiles* (2013) é um exemplo válido de recepção dos clássicos, pois aponta tanto para a contínua relevância dos personagens da *Ilíada* quanto para um olhar contemporâneo preocupado em transformar algumas características da obra original, trazendo à tona discussões do nosso próprio tempo. Ainda que não seja uma *fanfic* propriamente dita, o romance exemplifica um fenômeno perene da história da literatura. Por sua vez, as *fanfics* criadas tanto a partir das obras de Homero quanto de Miller são exemplos de uma tendência de recepção contemporânea que não se restringe à leitura passiva, mas convida os leitores a participarem das obras – escrevendo, ilustrando, criticando, enfim, transformando-as.

Trabalhos transformadores, como romances de adaptação ou *fanfiction*, criam interesse e perpetuam obras da antiguidade. A existência deles no século XXI reforça a importância da recepção dos clássicos como área de estudos, no sentido de reafirmar a importância de estudá-los como obras “abertas” ao diálogo com o presente. Em contrapartida, a incorporação de estudos sobre *fanfic* contribui para refletir sobre como essas adaptações questionam noções tradicionais de “alta” e “baixa” cultura, além de apresentar a realidade de uma recepção produzida por pessoas de grupo historicamente marginalizados.

Este artigo é resultado de uma pesquisa que ainda pode ser bastante enriquecida. Nessa seara, aponta-se como caminho o estudo mais aprofundado sobre o *corpus* da recepção da *Ilíada*, considerando sua fortuna crítica e suas adaptações, da Antiguidade até a contemporaneidade.

The Iliad in the 21st century: classical reinterpretations between homeric epic and fanfiction

Abstract

This article examines the contemporary reception of Homer, as exemplified by Madeline Miller’s novel *The Song of Achilles* (2013) and fanfiction works based on the *Iliad*, with the aim of understanding what is distinctive about 21st-century engagements with classical texts. The theoretical framework draws on Charles Martindale’s (2006) Classical Reception studies, Julia Kristeva’s (2005) Intertextuality theory, and Alexandra Edwards’ research on fanfiction (2023).

Through an analysis of Miller's novel and selected fanfiction, the study demonstrates the enduring public interest in classical culture and the rise of participatory culture, which actively interacts with the canon, keeping it perpetually relevant.

Keywords

Homer. Classical reception studies. Fanfiction.

REFERÊNCIAS

- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DE KOSNIK, A. Archontic Literature: a Definition, a History, and Several Theories of Fan Fiction. In: HELLEKSON, K.; BUSSE, K. (org.). *Fan fiction and fan communities in the age of the Internet: new essays*. Califórnia: McFarland, 2006. p. 61-78.
- DE POURCQ, M. Classical reception studies: reconceptualizing the study of the Classical tradition. *The International Journal of the Humanities*, v. 9, n. 4, p. 219-226, 2012.
- EDWARDS, A. *Before Fanfiction: recovering the Literary History of American Media Fandom*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2023.
- GONZÁLEZ PÉREZ, L. *Classical tradition and reception studies in contemporary literature written in English: The song of Achilles by Madeline Miller*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Estudos Ingleses) – Universidade de Almería, Almeria, 2015.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- JOKIVUORI, A. “*I cannot name the thing I hope for*”: The Reimagining of Achilles and Patroclus in Madeline Miller’s The Song of Achilles. 2023. Master’s Thesis (Master in English) – University of Helsinki, 2023. Disponível em: <https://ethesis.helsinki.fi/repository/handle/123456789/46646>. Acesso em: 27 set. 2023.
- KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. Tradução Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- MARTINDALE, C. Introduction: Thinking Through Reception. In: MARTINDALE, C.; THOMAS, R. (orgs). *Classics and the uses of reception*. Oxford: Blackwell, 2006.
- MILLER, M. *A canção de Aquiles*. Tradução Carolina Caires Coelho. São Paulo: Jan-gada, 2013.

MILLER, M. *Q & A with Madeline Miller*, 2023. Disponível em: <http://madelinemiller.com/q-a-the-song-of-achilles/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

MIRANDA, F. M. Fandom: um novo sistema literário digital. *Hipertextus Revista Digital*, n. 3, 2009. Disponível em: https://digitalartarchive.at/fileadmin/user_upload/Virtualart/PDF/88_Fabiana-Moes-MIRANDA.pdf. Acesso em: 26 mar. 2024.

PESSOA, F. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1996.

SIGNOR, J. Hades gets the queer love story right with Achilles and Patroclus. *PCGamesN*, 2020. Disponível em: <https://www.pcgamesn.com/hades/achilles-patroclus-relationship>. Acesso em: 27 set. 2023.

STRUZZIERO, M. A. A New Voice for an Ancient Story. *ANGLICA-An International Journal of English Studies*, v. 30, n. 1, p. 133-152, 2021.

WILLIS, V. The classical canon and/as transformative work. *Transformative Works and Cultures*, v. 21, p. 1-8, 2016. Disponível em: <https://ro.uow.edu.au/lhapapers/3149/>. Acesso em: 26 mar. 2024.

WOODHOUSE, T. N. Digital archives, fandom histories, and the reproduction of the hegemony of play. *Transformative Works and Cultures*, v. 37, 2022. Disponível em: journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/download/2105/2991?inline=1. Acesso em: 26 mar. 2024.